

O presente volume de *História Oral* traz um dossiê dedicado ao mundo das artes composto por cinco artigos – selecionados de um conjunto bem maior de textos recebidos –, dois artigos de temática livre, três entrevistas e duas resenhas. Tanto nos artigos do dossiê quanto nas outras seções, há pesquisas ambientadas no contexto da ditadura militar que, justamente por estarem conjugadas à história oral, trazem aspectos do cotidiano de pessoas em diferentes posições naqueles anos.

Daniel Martins Valentini trouxe a um assunto conhecido, o Teatro Oficina, novas contribuições, ao revelar sua dinâmica interna por meio de entrevistas com atores e atrizes que fizeram parte do grupo. As falas recolhidas pelo pesquisador, ativadas pela rememoração, nos permitem conhecer o modo específico como jovens artistas reagiram ao golpe civil-militar brasileiro e combateram o regime.

O artigo de Natália Batista também aborda a relação entre o teatro e o período militar, centrando-se em uma peça de João das Neves, artista cuja trajetória sempre conjugou “engajamento político e refinamento estético”. João das Neves participou do Centro Popular de Cultura (CPC) e do Grupo Opinião, e esteve francamente envolvido com o Teatro CPC-UNE, invadido e saqueado por grupos civis de direita em abril de 1964. O texto da peça *O quintal*, publicado em 1978, procurava compreender os descompassos da esquerda diante do golpe e buscava analisar a invasão do teatro. Para elaborar suas conclusões, Natália mescla a entrevista realizada com João das Neves e a leitura acurada do texto da peça com livros e artigos de outros autores.

Curiosamente, dois artigos do dossiê têm relação com a história em quadrinhos. O artigo de Ivan Lima Gomes analisa as articulações entre arte, mercado e política nos anos 1960, trazendo as memórias de uma cooperativa de quadrinhos, a Cooperativa Editora e de Trabalhos de Porto Alegre (CETPA), que reuniu artistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Acompanhando as histórias de vida de seus entrevistados, o autor descreve as trajetórias nada lineares de “intelectuais do traço”. As entrevistas mostram um grupo de artistas dispostos a resistir coletivamente ao “imperialismo cultural” (a avalanche das HQs americanas) e a promover um nicho de mercado próprio através da produção de quadrinhos com temas da cultura brasileira.

O trabalho de Gabriel Giesta, *Entre “Maus” e “Zeros”*, é uma singularíssima proposta de reflexão “sobre o processo de construção de uma narrativa através da história oral”. *Maus*, de autoria do sueco-americano Art Spiegelman, é uma novela gráfica – publicada em partes nos anos 1980 até 1991 – na qual o autor narra a história de seu pai na Polônia antes e depois do domínio nazista. Já *Eien no zero (Zero eterno)* é um mangá publicado originalmente em 2010, desenhado por Souichi Sumoto, que segue o roteiro de um livro de ficção escrito por Naoki Hyakuta em 2006. A narrativa de *Zero eterno* acompanha o empenho do jovem Kentaro Saeki em resgatar a história de seu avô materno, um piloto falecido em uma missão *kamikaze* na década de 1940. E a história oral? Ela aparece como recurso tanto na obra ficcional (*Zero eterno*) como naquela baseada em fatos reais (*Maus*). A proposta, como se pode ver, situa-se nas fronteiras entre a história e a literatura.

No artigo de Vivian Iwamoto e Magda Sarat, o foco está na dança, mais especificamente aquela praticada em uma comunidade de imigrantes japoneses instalada em Mato Grosso do Sul a partir dos anos 1950. A prática da dança se estabeleceu pela persistência de Yoko Terui, uma mulher imigrante que se tornou professora de dança dos filhos de seus compatriotas, contribuindo acen-tuadamente para a preservação da cultura japonesa local. Com base em entre-vistas com essa professora, o artigo discute estilos de danças japonesas – aqueles praticados em Dourados, sede principal da atuação da professora, e outros –, e também comenta a relação entre a dança e a língua japonesa usada nas canções.

Entre os artigos variados, Ana Paola López Dietz analisa o movimento operário no contexto da experiência socialista chilena: os cordões industriais foram uma forma de resolver o problema de abastecimento no período em que o governo de Allende foi alvo de feroz oposição que culminou em greves patronais. Ações como tomar caminhões para buscar matérias-primas para as fábricas e pô-las em funcionamento expressam soluções coordenadas pelos próprios trabalhadores que, assim, apoiavam um governo que reconhe-ciam como legítimo. Os relatos colhidos pela autora narram, além do modo como ocorreram as ações, as divergências políticas entre os grupos de oposi-ção que surgiram durante o confronto de classe.

O artigo *A infância na escola rural de Montes Claros (MG)* descreve, ini-cialmente, a precariedade do ensino rural nas décadas de 1960 a 1980: as salas de aula, quando não eram emprestadas, possuíam duas ou três janelas, uma pequena cozinha e na maioria não havia instalações sanitárias; faltavam bancos, mesas e material didático. A mudança de 1990, que buscou melhorar

essa situação, também desceu um véu de esquecimento sobre a experiência dos professores mais antigos, vivência que a autora, Cláudia Aparecida Ferreira Machado, busca desvelar. A memória dos professores nos apresenta crianças com vontade de aprender, que gostavam da escola e que caminhavam vários quilômetros para estudar. Os aspectos mais emblemáticos da relação desses docentes com a vida escolar poderão ser lidos no artigo.

As três entrevistas proporcionam ao leitor o contato com personagens absolutamente diferentes entre si. Na entrevista realizada por Tiago Sanches Nogueira, sua opção foi suprimir as perguntas e privilegiar uma narrativa fluente por meio da qual conhecemos algumas passagens da juventude do psicanalista Contardo Galligaris e sua antiga relação com a escrita.

Antonio Torres Montenegro e Antonio Jorge Siqueira eram ambos conhecidos do juiz aposentado José Soares Filho, que exerceu a magistratura nos Tribunais Regionais do Trabalho de Pernambuco e de Alagoas. A entrevista mostra as dificuldades para resolver questões entre usineiros e trabalhadores no período da ditadura militar, descrevendo como os próprios mecanismos da justiça podiam ser instrumentos de opressão manipulados pelos patrões. Relata também as disputas internas à classe jurídica, nas quais pretensões a cargos e concessões ao poder econômico assumiram facetas muito agudas.

A entrevista de Raquel Rato, da Universidade Nova de Lisboa, se enquadra na temática do dossiê ao dar visibilidade à cineasta Teresa Villaverde, que passou a ter expressão no universo cinematográfico de Portugal nos anos 1990. O enfoque da entrevista é sua relação com o diretor de fotografia Acácio de Almeida, que preparou dois dos filmes de Teresa é descrito por ela como um “pintor da luz”. Na entrevista, ficamos conhecendo papéis e parcerias que se estabelecem ao longo de uma filmagem e também os efeitos da transição da película para o digital.

Por fim, duas resenhas fecham a revista: *Trabalhadores exilados: a saga de brasileiros forçados a partir (1964-1985)*, de autoria de Mazé Torquato Chotil, e *História oral e arte: narração e criatividade*, coletânea organizada por Ricardo Santhiago, nos são apresentados, respectivamente, por Eloisa Rosalen e Gabriel Amato Bruno de Lima, em textos que convidam à leitura das obras.

Esperamos que apreciem este número da *História Oral*, que inaugura a editoria de Luciana Heymann e Regina Weber. Boa leitura a todas e todos!

Luciana Heymann
Regina Weber
Editoras de *História Oral*